



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

MIRTÔ GUEDES BATISTA

**O ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA NA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL: UMA
ANÁLISE DE FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA**

**CAMPINA GRANDE
2018**

MIRTÔ GUEDES BATISTA

**O ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA NA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL: UMA
ANÁLISE DE FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras
Português da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em letras.

Orientadora: Profa. Me. Clara Regina
Rodrigues de Souza

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B333e Batista, Mirto Guedes.

O ensino de língua portuguesa na Escola Cidadã Integral [manuscrito] : uma análise de formação docente / Mirto Guedes Batista. - 2018.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Clara Regina Rodrigues de Souza , Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."

1. Ensino de língua portuguesa. 2. Escola integral. 3. Escola Cidadã Integral. 4. Processo ensino/aprendizagem. 5. Aspectos políticos-educacionais. I. Título

21. ed. CDD 372.6

MIRTÔ GUEDES BATISTA

O ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA NA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL: UMA
ANÁLISE DE FORMAÇÃO DOCENTE

Artigo apresentado ao Programa de Graduação
em Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduanda em Letras Português.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Aprovada em: 14/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Clara Regina Rodrigues de Souza 9,0
Profª. Me. Clara Regina Rodrigues Souza (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Diana Ribeiro Guimarães 9,0
Profª. Me. Diana Ribeiro Guimarães
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Hermano Aroldo Gois Oliveira 9,0
Profª. Me. Hermano Aroldo Gois Oliveira
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Ao meu Tio Iremar, que me ajudou carinhosamente pagando minha inscrição.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai (*in memóriam*), não está aqui, mas sempre vai estar comigo no meu pensamento e coração, porque ele foi meu porto seguro, meu maior amigo e incentivador.

À minha Mãe, que sempre me apoiou me dando conselhos e sempre foi e será minha melhor amiga.

Ao meu esposo Rauny, que também me ajudou nessa longa jornada me incentivando e tendo muita paciência.

Aos meus irmãos, Ranieri e Augusto, (principalmente) pelos conselhos e apoio.

A minha família, tios, tias e primos, muito obrigada pelas palavras de apoio.

A todos meus amigos, em especial a Kleyton e Maíza, que me ajudaram muito nesse TCC. Meu muito obrigada.

A minha orientadora, Clara, pela paciência e zelo ao responder meus e-mails de madrugada e sempre disposta a me ajudar. Meu sincero obrigada pela amizade e respeito.

Aos meus colegas de turma, pela força e incentivo.

“O estudante e o provimento de uma educação de qualidade devem ser a centralidade da escola”. ICE.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL E A DOCÊNCIA	9
3. ENTENDENDO A ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL: ASPECTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA.....	14
4. UMA ANÁLE DE DADOS SOBRE O MODELO ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL .	15
3. CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS	22

ÍNDICE DE TABELA

Tabela 1 - ANDAMENTO DO ENSINO NA ESCOLA INTEGRAL	14
--	-----------

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL: UMA ANÁLISE DE FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA

Mirtô Guedes Batista*

RESUMO

A Escola Cidadã Integral chega aqui na Paraíba trazendo muitas mudanças na base curricular das escolas e a partir dessas mudanças é que serão analisadas as práticas de ensino de Língua Portuguesa, nessas escolas, e para analisar faremos uma comparação documental e qualitativa com o PCN, OCEM as Diretrizes Operacionais da Escola Integral e do manual de formação da Escola da Escolha, com o intuito de mostrar como eram essas escolas antes de se tornarem Cidadãs e como ficaram após se tornarem Cidadãs.

Palavras-Chave: Linguística Aplicada. Ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa. Projeto Escola Cidadã Integral.

1. INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2015, o Governo Estadual da Paraíba, de acordo com o Plano Nacional de Educação (doravante PNDE), de 2001, já falava da importância da ampliação da jornada escolar e do tempo integral. A implementação das escolas integrais aqui na Paraíba teve sua base espelhada nas escolas integrais de Recife, cujo modelo educacional é nomeado como *Escola da Escolha*.

Em Pernambuco, o modelo começou a ser idealizado por volta do ano de 2000, com a iniciativa de um ex-aluno que, após uma visita a sua velha escola, o Ginásio Pernambucano, ficou impressionado com o abandono em que a escola se encontrava. Esse ex-aluno conseguiu parcerias que o ajudaram na reconstrução da parte física da escola e na elaboração de um novo projeto, porque não era só a estrutura física que precisava de reparos, mas, sobretudo, era preciso pensar em novas práticas de ensino. “Em decorrência disso, pareceu perfeitamente plausível trocar um possível perfil da juventude como sendo aquela com baixa capacidade para tomar decisões adequadas sobre a própria vida e baixos níveis de autoestima.” (ICE. p 10.).

* Aluna de Graduação em Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: mirtoguedes@gmail.com

O referido modelo é apresentado como uma proposta de currículo que contempla e prioriza a resolução desses tipos de problemas, ofertando um novo paradigma em termos de ensino, que acompanha um currículo extenso com as disciplinas de base. Além disso, o modelo oferta disciplinas eletivas, que proporcionem ao aluno a oportunidade de direcionar seus estudos, ao aprimorar e orientar esses alunos a se aperfeiçoarem em suas predileções de conteúdo e área.

Dado o caráter de novidade desse modelo, o nosso problema de pesquisa incide sobre suas práticas pedagógicas. Assim, nossas questões de pesquisa são: Quais são os aspectos político-educacionais que regem o modelo da Escola Cidadã Integral? Qual é a proposta de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa nesse modelo? Para que essas questões sejam respondidas, nosso objetivo geral é: analisar os aspectos político-educacionais do ensino de Língua Portuguesa no modelo da Escola Cidadã Integral, implantado no Estado da Paraíba, em 2017. Os objetivos específicos são: (1) identificar os aspectos político-educacionais do modelo Escola Cidadã Integral; (2) compará-lo aos PCN, às OCEM, Diretrizes Operacionais da Escola Integral e ao manual de formação da Escola da Escolha.

A leitura desses documentos mostra que o educador necessita ter em reflexão um ensino orientado que critique e situe enfoques sociais de atividade. Assim, este trabalho se justifica porque significamos o ensino de Língua Portuguesa em um documento abrangente, que rege a prática pedagógica em escolas integrais na Paraíba. Situamos a importância da compreensão e do aprendizado do aluno como o que conduz nossa forma de ministrar aulas. Ademais, descrevemos o modelo da Escola Cidadã Integral através, também, das respostas de professores e alunos, sobre o que estão achando dessas novas práticas.

Em linhas gerais, compreendemos que o professor precisa desenvolver condições para o aluno utilizar a língua de uma forma variada, adequando-se a diversos contextos sociais. E assim poder tornar maior sua capacidade de domínio da língua padrão, na parte oral e na parte escrita, trazendo textos que façam parte do convívio desses alunos. Para isso, o professor deve conhecer e valorizar as variedades culturais dos alunos. Trabalhar a leitura e discutir variados tipos de gêneros. Incentivar a tolerância e a boa convência, o professor será um mediador que vai incentivar um debate sadio.

2. ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL E A DOCÊNCIA

Depois de toda a preparação em um curso de licenciatura, que dura em torno de cinco anos, e das disciplinas vistas e estudadas, quando nos tornamos professores de Língua Portuguesa (doravante LP), perguntamo-nos se estamos ministrando e mobilizando conteúdos proveitosos para o aluno. Na realidade, o processo de aprendizagem é bem mais complexo do que se parece. Ao longo dos tempos, algumas teorias são criadas acerca do processo de aprendizagem, com o intuito de auxiliar a prática docente em sala de aula, mostrando de que tal prática pode ser desempenhada.

Apesar de ser difícil adotar uma teoria de ensino, por conta da falta de estrutura, muitas vezes, física e pedagógica e, principalmente, da evasão escolar, ao mesmo tempo, torna-se necessário, porque é a partir dessa teoria que o professor vai se basear, tomar decisões sobre que assunto e material poderá levar para a sala de aula, que tipo de avaliação acha melhor aplicar para aquele tipo de turma e como ele pretende planejar sua aula.

Para os estudiosos que se preocupam com ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, já é de conhecimento comum que há três principais vertentes teóricas nesse campo investigativo. De acordo com Oliveira (2010), o inatismo trata que os acontecimentos ocorridos após o nascimento tem pouca relação e não são importantes para o desenvolvimento. Ou seja, ou se nasce ou não com um aparato para desempenhar algo e o ambiente social não causa influência psicológica no indivíduo. Não obstante, outros estudos mostram a necessidade de se pensar essa concepção por outros viés, porque é comprovado que o feto sofre influência de suas mães desde da barriga. A adoção dessa teoria no ensino implica na diminuição do papel do professor no processo de aprendizagem, porque, sendo o estudante um ser independente, não sofre influência por parte do professor ou pelo meio que o cerca.

Na segunda vertente, conhecida como Behaviorismo ,as pessoas aprendem através de estímulos, que são recompensados, quando conseguem êxito, e são punidos, quando não conseguem êxito. Essa concepção defendia que com o esforço e os estímulos certos e bons hábitos iriam contribuir para o sucesso na aprendizagem. A peça fundamental para o processo de aprendizagem dar certo é o professor, o centro e o norte de onde parte o aprendizado. E o aluno fica com o papel de ser passivo perante o aprendizado.

Se o ser humano aprende exclusivamente a partir de estímulos do meio ambiente, ele é um ser passivo perante o processo de aprendizagem, pois necessita de algo ou alguém que origine os estímulos. A repetição dos comportamentos considerados corretos e a correção dos comportamentos considerados errados são técnicas fundamentais dentro do arcabouço teórico behaviorista. (OLIVEIRA. 2010, P. 26)

Essa concepção reduz o aluno a um ser sem iniciativa, que só pode aprender algo com a tutoria do professor, a partir da sua figura que se relaciona a ideia de aprendizado. Por conseguinte, perpetua-se a ideia de que o professor transfere o conhecimento. É bem lógico que é impossível transferir conhecimento, que se fosse possível provavelmente não haveria alunos com dificuldade de aprendizagem, porque o professor iria transferir tudo o que sabe para aqueles alunos e logicamente todos seriam gênios. Imagine como seria extraordinário poder receber o conhecimento de algum gênio, alguém que de fato se destacou por sua inteligência. Sabemos que essa concepção Behaviorista peca nesse ponto, porque se a questão de aprender por bons estímulos e transferência de conhecimento fosse eficaz, talvez poderíamos equiparar o aprendizado de todos os alunos, já que saberíamos que nem todos aprendem da mesma maneira.

Na terceira vertente, o interacionismo, ao invés de agente passivo, o estudante é o elemento principal em seu aprendizado, porque é ele que será e irá construir seus próprios conhecimentos. Em contrapartida do inatismo, que não leva em conta o papel do ambiente no processo de aprendizagem, e do behaviorismo, que trata o aluno como alguém a ser moldado; o behaviorismo despreza, não acredita no fator biológico como um ponto fundamental no processo de aprendizagem; o interacionismo vê, constata que o aluno é peça principal no processo de aprendizado.

O interacionismo vê o aprendizado como forma de interação que envolve três fatores fundamentais: o aprendiz, os elementos da natureza biológica e o meio ambiente sociocultural que ele está envolvido. (OLIVEIRA. 2010, p. 28).

Nesse sentido, o aluno se torna um sujeito ativo que, para construir seus conhecimentos, usa todo o aparato disponível para o aprendizado. O aluno passa a andar lado a lado do professor, diferentemente do inatismo, que fala que a pessoa nasce predestinada e que não tem nenhuma influência do meio em que lhe cerca para conseguir o conhecimento. O interacionismo também difere do behaviorismo, que defende que o aluno é sujeito passivo na concepção da aprendizagem e o professor detentor de todo o saber. No interacionismo, o professor orienta aluno –a como ele deve aprender.

O professor deve estabelecer uma nova relação com quem está aprendendo, passar do papel “solista” ao do papel de” acompanhante”, tornando-se não mais alguém que transmite o conhecimento, mas aquele que ajuda os seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando mas não modelando os espíritos e demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda a vida. (CETEB, 2008e).

Nesse processo, o professor é muito importante, porque cabe a ele orientar, aprender, reaprender e incentivar esse aluno a tomar as melhores decisões de como vai aprender. Para o aluno poder ter autonomia de decidir que concepções ele vai seguir para aprender, o professor precisa, em suas aulas, mostrar variedades como: Ler textos diversos e trazer textos que condizem com a realidade do aluno; a partir daí, comentá-los, procurando entender tais textos para depois praticar a escrita e trabalhar a parte gramatical. Dessa forma, orienta o aluno a procurar entender o sentido do texto, para depois entender duas formações gramaticais.

Ao saber dessas concepções, os professores demonstram ter consciência de como pode funcionar a prática docente, bem como têm percursos de como organizar suas aulas, escolher assuntos e direcionar como sua relação com o aluno. Assim como o professor de português precisa saber como será que deve ensinar, com concepções e teorias, ele precisa saber como aplicar esse conhecimento. Deveria ser normal e recorrente, na prática, colocar o aprendizado no dia a dia; com o ensino da linguagem através de situações sociais autênticas, porém, estudos como o de Antunes (2003) criticam problemas de ensino/aprendizagem de LP:

Como a tradição era seguir à risca, lição por lição, os livros didáticos, o professor “aprendeu” a não “criar”, a não “inventar”, seus programas de aula. O conhecimento que ele “passava” e “repassava”, era sempre reproduzido por outra pessoa, não por ele próprio. Esse contexto, de fato, o que sobressai é um professor “transmissor de conhecimento, mais precisamente, de” conteúdos”. Daí a concepção estreita de alguns que a principal tarefa do professor é dar aula, isto é, dar o curso que é o cerne da profissão”. (ANTUNES, 2003.p. 108).

Como compreendemos a partir dessa autora, não é só na parte de ensinar que o professor está fadado a velhas práticas; esse estigma também se estende na hora de aplicar, exercitar e avaliar. Assim como o professor orientar a independência na hora de aprender, precisa também ter critérios para desenvolver sua metodologia, seu material de trabalho. Isso significa que: “o professor precisa ser visto (inclusive pelas instituições competentes) como alguém que, com os alunos (e não para os alunos), pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprender”. (ANTUNES 2003p. 108.).

No processo de aprendizagem, é importante que o professor possa procurar formas para preparar suas aulas, que fuja do uso do texto como pretexto, que não contemple a construção de significado do texto. Na prática, quando se ministra um determinado assunto, escolhe-se um texto ou partícula de um texto que contenha o assunto em questão e se mostra ao aluno uma realidade fragmentada. Essa didática não contempla o aprendizado, porque o

texto é para ser interpretado, compreendido e, conseqüentemente, utilizado para questões gramaticais, lexicais.

O que passa a ter prioridade é criar oportunidades (oportunidades diárias) para o aluno construir, analisar, discutir, levantar hipóteses a partir da leitura de diferentes gêneros de textos, única instância que o aluno pode chegar a compreender como, de fato, a língua que ele fala funciona. (ANTUNES, 2003, p.120).

As prioridades diárias são criadas procurando se adequar ao contexto da realidade que o aluno vive, mostrando os gêneros e suas características. É preciso ir de acordo com o aprendizado do aluno, procurar inserir, apresentar gêneros que sejam perto de sua realidade e, no desenrolar do ensino, apresentar novos gêneros. O professor tem, comumente, liberdade de criar suas próprias atividades. Nessa liberdade, que o professor deve priorizar o gênero com objeto, como parte mais importante no estudo, porque é a partir dele que se começa, é o princípio de toda, uma atividade linguística.

Portanto, uma aula de português satisfatória mobiliza as seguintes competências: falar, ouvir, ler e escrever. Com todos esses apontamentos, em relação às escolas integrais e à nova relação do professor com aluno e a equipe escolar, percebemos falta de compromisso ou de aparato para os professores. Digo isso porque, quando lemos os manuais da Escola da Escolha, PCN e OCEM, encontramos com facilidade que caminhos o professor deve seguir para acompanhar esse modelo que é voltado para o social, para o aluno e comunidade. O professor precisa se reinventar para atender à demanda desse novo modelo, mesclando assuntos cotidianos a assuntos previstos nos currículos de base.

Há muito de utópico nesse modelo. Em última instância, ele supõe que a melhoria da escola recai essencialmente sobre os professores. Daí, a ambivalência dos docentes em relação às políticas de ciclos. Eles desconfiam da autonomia que lhes é concedida, por ela ser “outorgada” pelas instâncias superiores; veem aumentada a sua carga de trabalho e ampliadas suas responsabilidades, e não sentem o devido respaldo dos respectivos sistemas de ensino. Além disso, julgam-se cobrados a respeito de questões que não cabem apenas a eles resolver. (GATTI, 2011, p. 44).

Apesar de estarmos vivenciando uma grande mudança na vida das escolas integrais, em contrapartida, essas mudanças não são direcionadas também para os professores. Pelo contrário, aumentam o trabalho e a responsabilidade docentes, porque o sucesso do projeto depende, em boa parcela, das práticas que esses professores levam para a sala de aula.

3. ENTENDENDO A ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL: ASPECTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA

Sabendo que a Escola Cidadã Integral (ECI) prioriza o ensino voltado para o ser social, o aluno é incentivado a procurar ser o dono de seu futuro, a ter capacidade em discernir e determinar suas metas. Considerando esse contexto pedagógico, este artigo se situa nos estudos da Linguística Aplicada, porque esse campo de pesquisa permite e foca na questão do estudo de uso da língua em diferentes usos e contextos, a exemplo do que fazemos, ao descrever o ensino de LP através do modelo de ECI.

Nossa pesquisa tem natureza qualitativa, para conhecer, entender melhor o papel do professor na ECI. Além disso, esta pesquisa é de cunho documental, porque analisa documentos públicos. Pegamos os documentos como base para análise: as diretrizes da “Escola da Escolha”, Escola Cidadã Integral da Paraíba, com a finalidade de pesquisar por meio de documentos como: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), com o intuito de observar como fica o ensino de Língua Portuguesa nesse tipo de escola.

Tentando entender o andamento da ECI, foi aplicado um questionário aberto entre os professores de Língua Portuguesa e alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, com as três seguintes perguntas:

Tabela 1 - ANDAMENTO DO ENSINO NA ESCOLA INTEGRAL

• Como deve ser o ensino, aprendizagem de Língua Portuguesa?
• Como era o ensino de Língua Portuguesa antes da Escola Cidadã?
• Como ficou o ensino de Língua Portuguesa após a Escola Cidadã?

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses questionamentos servem para ter uma noção do que a parte docente e alunado entendem sobre a mudança de modelo de escola. Segundo Gil (2008, p.126), ”o questionário constitui hoje uma das mais importantes técnicas disponíveis para a obtenção de dados nas pesquisas sociais”. Nesse processo de mudança de escola, torna-se imprescindível saber a opinião dos principais envolvidos nesse processo, alunos e professores.

A urgência em construir esse novo horizonte antropológico para a educação deve provocar a escola a se voltar para a formação de um ser humano onde não apenas sua competência intelectual apresente-se em nível de excelência, mas onde seja possível dotá-lo de igual capacidade para agir de forma autônoma e solidária, numa aproximação possível dos ideais de liberdade e de solidariedade, superando a polarização notadamente característica da sociedade ocidental de um ser humano autônomo. (ICE, p.25).

Esse novo modelo de escola não se diz priorizar a prática de ensinar conteúdo, mas valoriza a construção do aluno como um ser que pode e deve escolher a melhor forma para obter esse aprendizado. Espera-se que esses alunos possam sair do Ensino Médio prontos para concorrer ao mercado de trabalho e cursar uma universidade. O diferencial é a oportunidade de participar de uma escola que esteja em sintonia com o aluno, professores e funcionários.

A formação integral se dá não apenas pela presença de um currículo pleno em habilidades intelectuais, mas pela presença de um conjunto de outras habilidades essenciais presentes nos domínios da emoção e da natureza social (Formação de Competências para o Século XXI). O seu desenvolvimento, no conjunto dos outros eixos, deverá contribuir construtivamente para a formação de competências que impactam nos diversos domínios da sua vida humana, seja no âmbito pessoal, social ou produtivo. (ICE. p. 25)

Portanto, a ECI se diz prezar, principalmente, pelo ser social, pelo que esses alunos em potencial podem se tornar, pela formação do ser em decorrência de vários fatores.

4. UMA ANÁLISE DE DADOS SOBRE O MODELO ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL

Em meio à euforia da chegada de um novo modelo de escola, com um currículo diversificado, que trabalha em conjunto com a comunidade e conta uma equipe docente de professores, diretores, coordenadores, funcionários capacitados e treinados para lidar e por o projeto em prática, o aluno passa a ser tratado e incentivado a ser responsável por suas escolhas, que resultarão em seu futuro acadêmico e profissional. Não podemos ignorar que esse modelo de escola integral toma força por causa da violência na escola, grande disparidade social em que encontramos vários alunos que não têm sequer o que comer em casa. A partir de todos esses problemas, que não assolam somente as escolas da rede pública da Paraíba e sim de todo o Brasil, acreditamos que uma escola, onde esses alunos possam fazer suas refeições e tenham um currículo voltado para a sua realidade, faça-o se sentir capaz de mudar seu futuro, através do aprendizado e de uma escola, Como foi dito, a ECI parte do modelo da Escola da Escolha, que trabalha e prioriza em seu currículo o projeto de vida:

O Projeto de Vida reside no “coração” do projeto escolar. Ele é a centralidade e sua razão de existir. É fruto do foco e da conjugação de todos os esforços da equipe escolar. É nele que o currículo e a prática pedagógica realizam o seu sentido, no aspecto formativo e contributivo, na vida do jovem ao final da educação básica. Deve ser fruto dos diversos aprendizados nas mais distintas áreas de conhecimento, do currículo que se processa nas várias práticas educativas (in) formais e nos mais variados espaços e tempos escolares. É fruto também da presença pedagógica, generosa e afirmativa, daqueles que apoiaram a trajetória do estudante nos diversos ambientes onde se realizou a sua passagem- colegas, educadores, familiares. (ICE p. 30.).

O Projeto de Vida é considerado o coração do projeto porque, a partir dele e suas metodologias, os alunos tem subsídios para construir uma visão para o seu próprio futuro. A partir do ponto que o sonho precisa de um projeto para se realizar, são estabelecidas estratégias e metas e aos currículos. Daí temos a noção de protagonismo:

O protagonismo possibilita ao educando o exercício de práticas e vivências de situações de aprendizagem por meio das quais exercitará as condições essenciais para o seu desenvolvimento da autoestima- marcos fundamentais do Projeto de Vida. (ICE, p.22).

Como o papel da escola é a parte do social, o papel do professor é mediar a tornar esses sonhos possíveis, andando lado a lado com esse aluno, orientando-o a ser o protagonista de sua história, aprendendo a tomar decisões. Ao analisarmos o ensino de LP nos PCN, nas OCEM e nos manuais da Escola da Escolha, notamos que os PCN apreciam, priorizam o domínio da língua oral e escrita, pois é a partir daí que o ser se comunica, compreende informações e partilha informações.

Essa necessidade de fazer, mostrar, o aluno como parte essencial para o processo de aprendizagem de Língua Portuguesa é evidente, por causa da necessidade de socialização do indivíduo aluno. Quando se fala em práticas de ensino de Língua Portuguesa, ainda se prioriza a gramática tradicional, com textos como pretextos, deixando de lado a oportunidade de compreensão textual. Do contrário, e o PCN fala sobre a reflexão do ensino de Língua Portuguesa.

O processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo em construção de um pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral. Essa concepção destaca a natureza social e interativa da linguagem, em contraposição as concepções tradicionais de ensino de língua. (PCN.1997, p18).

Essas propostas estão atreladas à leitura, compreensão e escrita. É preciso que se faça o uso da interação para que a linguagem seja comunicativa e dinâmica, devem ser explorados

todos os aspectos dos textos e não trechos e pesquisas que desqualifique e nem preze para o seu significado. “O texto é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados devendo, portanto ser objeto também único de análise/síntese”. (PCN. 1997, p 18.).

Quando analisamos as OCEM, achamos uma pequena diferença, que na verdade é um acréscimo: as ações realizadas na disciplina de Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita de fala e de escuta. (OCEM, 2006, p.18).

Com esse trecho, podemos notar que os PCN e as OCEM, assim como a ECI, defendem que o aluno se torne um ser ativo e não passivo no processo de aprendizagem. E a prática do professor de português é quebrar esse paradigma. Com aulas voltadas em fazer o aluno entender e compreender a finalidade de textos, tanto que no documento das OCEM, ressalta-se a importância de fazê-los ouvir, escrever e falar.

Em função disso, diversas tipologias têm sido propostas, tendo em vista critérios estruturais/formais (narração, descrição, dissertação, etc.) ou funcionais (textos informativos, textos literários, textos apelativos, etc.). Ora, baseadas só em aspectos estruturais e/ou funcionais, essas propostas ou deixam de capturar aspectos da ordem da enunciação ou do discurso, ou, quando consideram esses aspectos, fazem-no de maneira externa às classificações. Por isso, falham no que concerne a importantes elementos do processo de compreensão e produção de textos. (ROJO. 2011, p. 109).

Assim, para conseguirmos trabalhar com os alunos as práticas de ouvir, escrever e falar, as propostas curriculares de Língua Portuguesa ressaltam a necessidade de se trabalhar diferentes gêneros de discurso e diferentes tipos textuais. A partir disso, justifica-se a defesa do interacionismo para justificar, explicar sobre a importância de especificações envolvidas na produção, na recepção e na circulação de diferentes textos. Isso se dá pela necessidade de olhar o ensino de linguagem por outra perspectiva, voltada para o social. Por conseguinte, evidencia-se a implementação desse modelo de escola, que centraliza o aluno e o torna protagonista, através da mediação do papel do professor. O professor tem a importante função de indicar e não guiar, até porque ele não pode dizer por onde o aluno deve conduzir seu caminho e sim mostrá-lo a melhor forma de como vai chegar lá.

Embora reconhecendo as variações das políticas de ciclos em razão de seus contextos sociais e políticos específicos, em maior ou menor medida, elas têm buscado obter o consentimento dos professores e comprometê-los com um processo construído coletivamente, que apela para inventividade dos docentes. As políticas de ciclos, da mesma forma, têm implicado contra partida das redes escolares, em relação a reserva de horário, na jornada docente, para o trabalho coletivo na escola e a alguma forma de entendimento para alunos em defasagem. Não deixa de haver,

certamente, expectativa em relação aos resultados: menos repetência e evasão, e melhor qualidade das aprendizagens. (GATTI. 2001, p42.).

Neste trecho, fica implícita a importância do professor nesse processo e de como esse professor deve agir e se portar diante desse novo modelo, que nem é tão novo assim, pois desde a década de 50 que estudiosos tocam nesse ponto de ensino integral. Contudo, vale ressaltar que, assim como existe uma expectativa para que o projeto se solidifique, também existe uma cobrança maior em torno do docente, professor. Entendendo que a Escola Integral mantém o aluno praticamente o dia todo nela, certamente o mesmo processo de entrega se sucederá com o professor, porque esse terá que desempenhar suas atribuições diárias, que é de ministrar suas aulas, agora fundidas no projeto da ECI. Projeto esse que praticamente engatinha aqui na Paraíba, diferentemente das diretrizes e manuais que conversam com o OCEM e PCN, caem por terra com a realidade.

A grande maioria das escolas que se tornaram cidadãs aqui na Paraíba sofrem sem infraestrutura, física e pedagógica. E assim como foi feita a análise de documentos, foi feito um questionário com os professores de Língua Portuguesa da Escola Estadual Monte Carmelo, que, por unanimidade falaram que o ensino de Língua Portuguesa, desde o modelo antigo, precisa de mudança na parte didática. Ou seja, o professor precisa mudar sua concepção, seus conceitos sobre o que ensinar, mesmo sabendo da grande dificuldade que gira em torno de muitos fatores para o bom andamento das aulas.

Sobre como o ensino está após a mudança para ECI, os professores falam que ainda estão tentando desenvolver essas novas concepções, tendo em vista que o projeto iniciou recentemente em 2017 e que encontram muita resistência por parte dos alunos, que estão acostumados com as velhas práticas de ausência de professores, pouca leitura e pouco incentivo à escrita.

Da mesma forma, os alunos, 15 alunos do 7º ano, também responderam ao questionário. Desses, destacamos respostas de três alunos, que mostram como era a educação antes da Escola Cidadã e como está após seu início. O primeiro aluno respondeu que, para ele, o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa é para o professor copiar no quadro e passar atividades todos os dias. Para esse aluno, a escola, antes da Escola Cidadã, era ruim, porque tinha dias que só tinha uma aula. Sobre como a escola ficou após o projeto, ele disse que a escola ficou melhor, porque tem merenda e professor todo dia.

O segundo aluno disse sobre o que ele esperava em relação ao ensino e à aprendizagem de Língua Portuguesa seria aulas mais dinâmicas, com filmes, leituras e músicas. A escola antes de ser cidadã, para esse aluno, era muito ruim, porque a professora só

escrevia no quadro e passava atividades que não corrigia. Para ele, a escola ficou bem melhor depois que virou cidadã, porque os professores dão aula e se preocupam com ele.

O terceiro aluno respondeu que espera que o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa sejam menos chato, porque ele não gosta de escrever e nem ler. Para ele, a escola antes de ser Cidadã era bem melhor, porque todo dia ele ia para casa cedo e a professora não fazia muitas atividades. Para esse aluno, a escola ficou pior depois que virou Cidadã, porque ele se sente em um presídio, que os professores fazem muita atividade e ele fica cansado, porque não tem tempo de descansar.

Podemos perceber, primeiramente, com as respostas dos professores que, apesar de termos implementado uma nova escola e um novo currículo, ainda estamos fadados às velhas práticas, em que o professor se resume a ensinar atividades de um livro didático, escrever no quadro e cobrar vistos dos alunos. Por ser recente esse novo modelo, existem algumas dificuldades até de como trabalhar toda essa teoria com os alunos.

E em relação às respostas dos alunos, podemos notar que eles reconhecem que, de fato, aconteceu alguma mudança, principalmente no ponto de os professores serem mais assíduos do que os antigos professores de Língua de Portuguesa. Outro ponto importante é perceber que esses alunos mostram resistência a esse novo modelo, por estarem acostumados com as velhas práticas adotadas pelos antigos professores.

Assim como foi citado que os PCN e as OCEM abordam a necessidade de mudança na prática de ensino de Língua Portuguesa, podemos ressaltar que, além de inserir toda a concepção que envolve envolvimento social, os professores precisam trabalhar a escuta, a fala e a escrita. É necessário trabalhar o fator de mudança na escola com esses alunos, mostrando que o projeto é feito para eles e que, para funcionar verdadeiramente, será a partir de mudanças de seus antigos hábitos. Falo como professora de Língua Portuguesa, que faz parte desse novo projeto e sabe que muito ainda tem por fazer.

Por isso se torna necessário rever todas as formas de funcionamento do modelo ECI. Talvez tenha sido esquecido de primeiro ajeitar a estrutura das escolas para começar as aulas integrais, já que uma grande maioria das escolas estão desprovidas de banheiros preparados com chuveiros para banho e vestiário, para que esses alunos possam tomar banho após suas atividades físicas. Também essas escolas não possuem quadras, para poderem ter suas aulas de Educação Física, e outras disciplinas e locais de descanso. Essa falta de infraestrutura acaba pesando nas disciplinas comuns, pois, para não mandar o aluno para casa, ajeita-se. Isto é, alonga-se o horário com mais aulas de disciplinas da base curricular, as eletivas e as práticas educativas, consideradas um diferencial para a grade curricular. Nesse modelo, a

tutoria é uma prática educativa essencial, pois é a partir dela que o professor detecta o perfil de seu aluno. Podemos entender a ECI através dos módulos da Escola da Escolha:

Tutoria é um método para realizar uma interação pedagógica em que o educador (tutor) acompanha e se comunica com os estudantes de forma sistemática, planejando seu desenvolvimento e avaliando a eficiência de suas orientações de modo a resolver problemas que possam ocorrer durante o processo educativo. (ICE, p.16.).

Em todo caso, com essa falta de organização de estrutura física e horário, fica esquecida e muito difícil de por em prática essas metodologias, porque o professor acaba se sobrecarregando com a falta de organização no horário. De certo modo, o aluno também acaba não correspondendo da maneira esperada, porque acaba achando a carga horária cansativa e enfadonha.

3. CONCLUSÃO

Este TCC buscou analisar os aspectos político-educacionais de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa no modelo da Escola Cidadã Integral, implantado no Estado da Paraíba, em 2018. Verificamos que esse modelo se espelha em outro já existente no Estado de Pernambuco, a Escola da Escolha. O ECI um modelo audacioso, porque se diz pretender acabar com a evasão escolar e colocar o aluno no centro da escola, tornando-o protagonista, de seu âmbito escolar para a vida. Para isso, a ECI traz um currículo diversificado, que procura e tem por prioridade de ser atrativo para todos os tipos de jovens.

No entanto é necessário que sejam feitos alguns apontamentos sobre o tempo permanência pedido nas diretrizes desse projeto. Falo isso porque não adianta prender os alunos na escola e não poder apresentar qualidade na hora de colocar o projeto em prática. No mais, faz-se pertinente trabalhar o modelo dessa nova escola com esses alunos, porque sabemos que eles estão acostumados com as antigas práticas engessadas de ensino, seja a falta de professor, a falta de aula e a falta de direcionar o assunto ministrado, ou seja, um ensino preocupado só em passar o aluno de ano com atividades intencionadas em vistos, textos usados como pretextos, sem nem primeiro procurar entender a sua finalidade. Embora não seja fácil de mudar a mentalidade desses alunos, é extremamente necessário, porque se os alunos não responderem positivamente, fica difícil dar continuidade ao projeto.

Quanto aos professores, entendemos que são peças fundamentais nesse processo, porque devem saber bem como fazer e executar sua prática pedagógica, até porque temos

manuais artigos e diretrizes falando qual a sua real função nesse processo. Em resumo, a prática de docente é uma contínua formação, que deve ser constantemente (re) pensada em contexto de sala de aula. No ECI, fica implícito que o professor acaba desempenhando várias funções. Dentre suas várias obrigações, não fica claro o benefício que esse professor terá por aplicar tais práticas.

Sabemos que é essencial debatermos novas práticas de ensino e que essas práticas sejam aplicadas de acordo com a atual realidade da nossa sociedade. É louvável poder fazer o aluno saber que ele é e sempre será o protagonista em sua história, porém, em todos os manuais e diretrizes analisados, não tem respaldo algum para didáticas dos professores de ECI, que também são peças importantíssimas nesse processo, pois vai ser a partir deles que, nesse modelo se fará existir, pois os professores serão tutores, acolhedores e andarão de mãos dadas lado a lado com os alunos. E fica evidente de que necessita de um plano, reconhecimento voltado para a parte docente.

Acerca disso, Gatti (2011) diz que, historicamente, a vida do professor é de luta. Faço essa afirmação, porque não é de hoje que o professor luta por melhores condições de trabalho, regularização da sua jornada de trabalho, luta por salários melhores. A arte de ser professor requer sacrifícios que, na sua maioria das vezes, não são recompensados com cargas horárias menores de trabalho e melhores salários. Considerando o papel dos professores na qualidade da educação, é preciso não apenas garantir a formação adequada desses profissionais, mas também oferecer-lhes condições de trabalhos adequadas e valorizá-los, para atrair e manter, em sala de aula, esses profissionais.

O professor também precisa ser reconhecido, assim como o aluno, elemento importante para esse processo. Portanto, é de suma importância que tenha condições melhores de trabalho, como capacitação e cursos de formação, para que esse professor possa colocar em prática, de fato, o que dizem PCN, OCEM e Manual de Formação da Escola da escolha.

THE TEACHING OF PORTUGUESE LANGUAGE IN THE INTEGRAL CITIZEN SCHOOL: NA ANALYSIS OF TEACHER TRAINING

ABSTRACT

The Full-time School for Citizens arrives at Paraíba bringing many changes in the basic curriculum of the schools and from these changes we will analyze the teaching practices of Portuguese language in these schools. We will make a qualitative and documental comparison with PCN, OCEM, the Operational Standards of Full-time Schools and the manual of Choice School. The goal is to show how were these schools before and after becoming Citizen.

Keywords: Applied linguistics, Teaching/Learning Portuguese Language, Citizen School Project

Keywords: Applied Linguistic 1. Education/Learning 2. Project School Citizen 3.

Life plan 1. choice 2. Teaching practice 3.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 108,120p.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, MEC/SEF,1997.18p.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: SEB/MEC, 2006. 18p.

CETEB. **Áreas da Educação: tendências atuais da educação**. Brasília, Universidade Gama Filho, 2008e.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. S.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília, DF: UNESCO, 2011. 11, 42,44p

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6, ed. São Paulo: Atlas, 2008. 126p.

ICE – Instituto de Corresponsabilidade pela Educação. **Tecnologia de Gestão Educacional: Princípios e Conceitos/ Planejamento e Operacionalização**. PDF.

OLIVIEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor precisa saber : teoria e prática**. São Paulo: Parábola, 2010. 26,28p.

OLIVIEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor precisa saber : teoria e prática**. São Paulo: Parábola,2010. 26,28p.

ROJO, Roxane, **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: Educ, Campinas: Mercado de Letras. 2000. 109p